CACAU

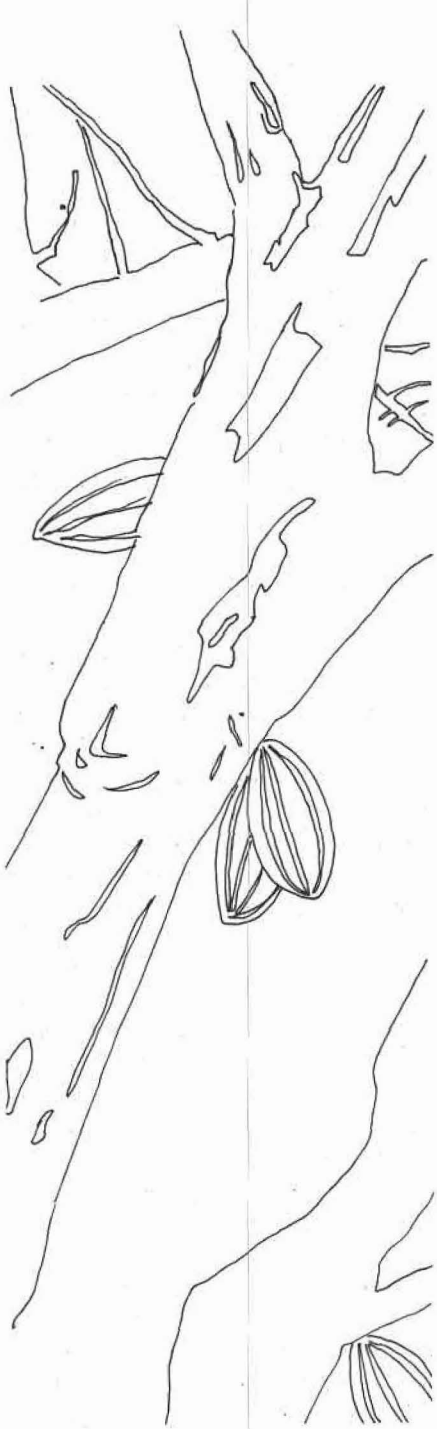
*A produção de cacau no **Brasil** necessita de maior eficiência. Seus custos são dos mais elevados em nível mundial, e vem aumentando a concorrência de outros grandes produtores.*

O atual ciclo de preços baixos do cacau trará prejuízos diversos aos países produtores, que serão sentidos de modo diferenciado, conforme a situação peculiar da cacauicultura em cada um deles. Os menos eficientes serão afetados primeiramente. No médio prazo, talvez cinco anos, a continuar o desestímulo, haverá predisposição a desorganizar a atividade. Nesse período, possivelmente, será ampliada a diferença entre as duas categorias de países produtores, determinada pela boa ou má competitividade no mercado internacional.

Haverá problemas que afetarão a produção, como o desincentivo aos tratos culturais, menor uso de fertilizantes e defensivos e o abandono de áreas. Isto costuma ser uma das regras do **manual de sobrevivência** da cacauicultura, quando submetida a regime de baixos preços.

É de se crer que o **Brasil** resistirá às condições desfavoráveis, pois a atividade, aqui, já alcançou maior grau de modernização. Todavia, é preciso que se preserve a cacauicultura organizada e, sobretudo, haja determinação de manter a competitividade.

No momento, observa-se persistente tendência de maior crescimento da produção mundial do que do consumo, o que implica formação de excedentes. Contribuem para isto as maiores produções brasileira e da **Costa do Marfim** e a emergência de nova zona de produção, situada no **Sudeste Asiático (Malaísia e Indonésia)**.



Sucessivos recordes de produção foram alcançados em 1979/80, 1980/81 e 1981/82. Seguiram-se anos de seca e problemas diversos na **África** mas, desde 1984/85, obtêm-se novas safras recordes. É possível que esta tendência continue nos próximos anos, em razão do estágio de desenvolvimento de novos plantios realizados no **Brasil, Costa do Marfim, Malaísia e Indonésia.** O **Gráfico 02** apresenta o desempenho de alguns dos principais indicadores do mercado internacional, desde 1977/78.

Nesta conjuntura, caberá aos produtores brasileiros grande esforço para reduzir seus custos de produção. É preciso atentar, outrossim, que, além dos preços baixos no exterior, outros problemas vêm prejudicando a competitividade da cacauicultura do país. Nos últimos anos, as plantações baianas e capixabas têm sido afetadas por estiagens que perturbam sobremaneira a economia cacaueira, levando ao endividamento e à inadimplência.

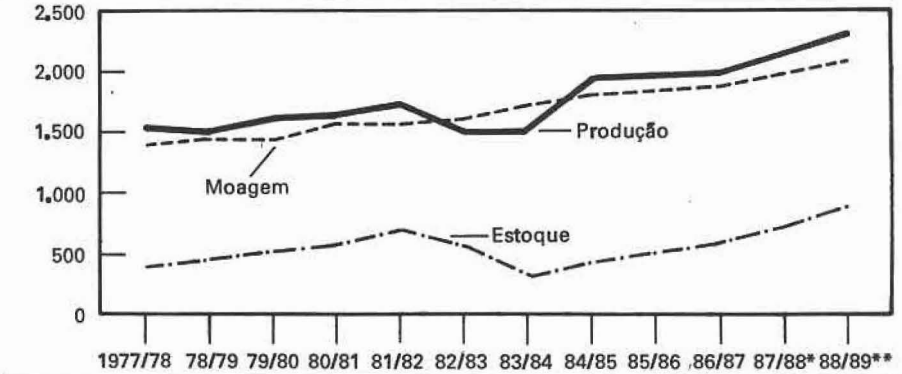
Evidentemente, esta situação se agravou e deixará seqüelas por mais alguns anos, comprometendo o desempenho da cacauicultura, em termos de produção, produtividade, custos e lucratividade, fazendo com que as lavouras brasileiras fiquem em situação desvantajosa, quando comparadas com as de seus maiores rivais, que são a **Costa do Marfim** e a **Malaísia.**

Para apoiar o argumento acima, tem-se observado que a produção e

a produtividade (rendimento físico) não vêm crescendo substancialmente no **Brasil**, durante os últimos onze anos, em comparação com aqueles dois países (a **Costa do Marfim** é o maior produtor, e a **Malásia** o terceiro produtor mundial). De fato, conforme o Gráfico 03, a produção de cacau da **Costa do Marfim** dobrou e a produção malaísia aumentou dez vezes, nos últimos anos.

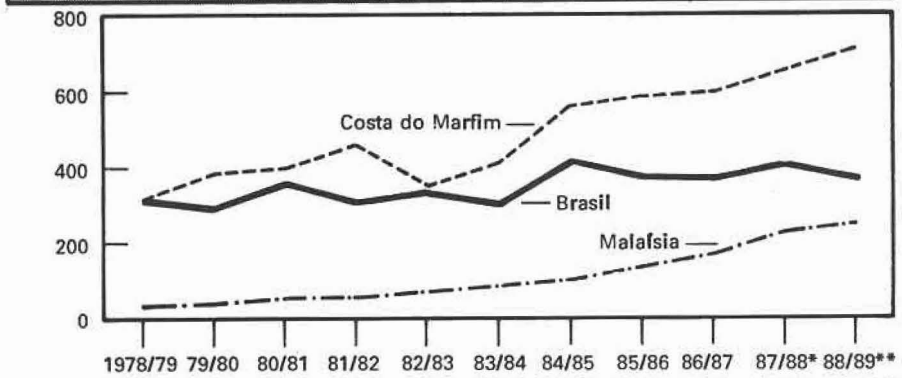
Com relação ao comportamento da produção de cacau dos três países em referência, no período 1977/78 a 1988/89, observam-se dois fatos que preocupam e exigem reflexão. No que se refere à tendência, as produções da **Costa do Marfim** e da **Malásia** apresentam-se com maiores crescimentos anuais do que a do **Brasil**. De fato, em 1977/78, as colheitas do **Brasil** e **Costa do Marfim** eram equivalentes e, em 1988/89, aquele país africano deverá colher o dobro da produção brasileira. Assim, distancia-se do **Brasil**, na corrida pela liderança, enquanto a **Malásia** se aproxima rapidamente. Outro aspecto é que as safras da **Costa do Marfim** e da **Malásia**, nos últimos onze anos, cresceram com menores variações anuais. Ao contrário, o **Brasil** apresenta oscilações mais intensas, com altos e baixos na trajetória da produção, resultantes, em maior grau, de períodos climáticos adversos.

GRÁFICO 02 – CACAU – PRODUÇÃO, MOAGEM E ESTOQUES MUNDIAIS 1977/78 A 1988/89 – (em mil t)



* Estimativa;
** Previsão.

GRÁFICO 03 – CACAU – PRODUÇÃO DE PAÍSES SELECIONADOS – 1978/79 A 1988/89 – (em mil t)



* Estimativa;
** Previsão.

Era de se esperar que, com maior diversidade climática resultante da dispersão das áreas produtoras brasileiras (**Bahia, Espírito Santo, Rondônia, Pará, Amazonas, Mato Grosso**) houvesse maior equilíbrio na variabilidade da produção, o que não se verificou.

Isto porque no lançamento do **Programa**, em 1976, foram identificados 150 mil ha passíveis de renovação, mas apenas 39 mil ha o foram de fato. Assim, no fim do **Procacau**, 111 mil ha deixaram de ser renovados, tornando a atividade mais vulnerável aos períodos de clima adverso. Já das novas áreas de plantio (161 mil ha), 56% foram implantadas em solos mais pobres ou em áreas periféricas.

Nestes locais, somente com correção dos solos e pesadas adubações, foram alcançados níveis de produtividade comparáveis aos dos cacauais implantados em solos ricos, de maior adequação ao cultivo. Também aqui, os efeitos climáticos adversos e os preços baixos acarretam grande variabilidade na produção. Por último, em algumas áreas amazônicas, particularmente **Rondônia**, a virulência dos ataques da doença **Vassoura de Bruxa** tem reduzido não somente as áreas de plantio de ano para ano, mas também tem imposto severas perdas na produção de forma diferenciada, de acordo com a incidência da enfermidade, que deriva das condições do meio ambiente.

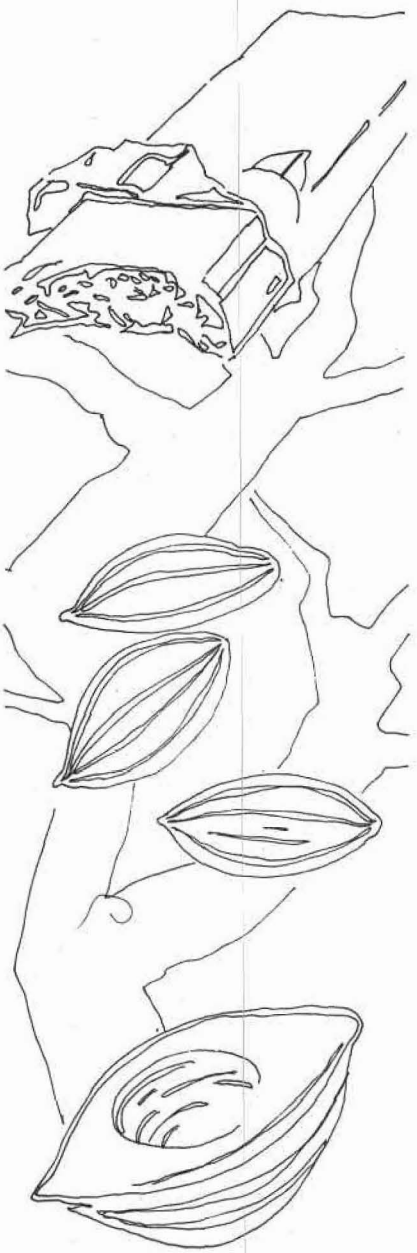
Interessante contribuição, para que se compreenda o que vem acontecendo nas áreas cacaueiras da **Bahia** e do **Espírito Santo**, é o trabalho de **Luiz Ferreira da Silva** e **Geraldo Carletto**, analisando uma avaliação qualitativa realizada nas áreas plantadas no decurso do **Procacau**[1].

1 **Silva, L.F. da e Carletto, G. – A Avaliação Qualitativa do Procacau. Aspectos Agronômicos das Áreas Implantadas na Bahia e Espírito Santo. Ceplac/Cepec, Documento Interno.** Setembro de 1988.

Se o produtor de cacau na **Bahia** fizer a renovação de suas plantações de baixa produtividade que, via de regra, vão **casadas** com custos mais altos de produção, utilizando técnicas conhecidas e empregando o insumo mais barato, a semente híbrida de cacau, conseguirá aumentar a produtividade dos cacauais para mais de 1.000 kg/ha.

A renovação de cacauais deve ser perseguida de forma a torná-la rotineira. Uma fazenda que tem composição etária bastante diferenciada, com quadras apenas entrando em produção, outro grupo com idade de estabilização, um terceiro grupo saindo de produção, terá, por certo, menor variabilidade, de ano para ano. Isto porque os cacauais estarão em condições de maior higidez, e em condições favoráveis para se confrontar com ataques de pragas, períodos de clima adverso etc. Além disso, a renovação, tornando-se prática rotineira, permitirá, gradualmente, que os avanços no melhoramento genético sejam a cada ano utilizados, tornando a fazenda e a região cacaueira mais produtivas e com maior estabilidade na produção.

Para executar um ambicioso programa de renovação, dever-se-ão imprimir mudanças no preparo de pessoal técnico (agrônomos e técnicos agrícolas) e extensionistas. O profissional, a cada dia e a cada ano, terá que ser um especialista em administração rural, um economista da agricultura, capacitado para examinar as contas das propriedades, analisá-las, projetar novas estruturas de contas e apoiar, inicialmente, o cacauicultor no processo de tomada de decisões, no nível da propriedade. Somente assim se poderá chegar à conceituação adequada e prática do que será um plantio decadente ou anti-econômico, se deverá ser renovado, quando deverá ser iniciada a renovação, e a que taxa anual.



A análise da vida econômica da fazenda de cacau permitirá, ainda, decidir se é oportuno adubar, quais os trechos que podem ser adubados (aqueles que **pagam** a adubação), se o controle de um surto de **podridão parda** é significativo a ponto de se investir na aquisição de fungicidas e no custo da mão-de-obra para as pulverizações.

Em relação à tendência da produção observada nos três principais países produtores, vale comentar, adicionalmente, a situação das respectivas áreas cultivadas, no sentido de observar sua evolução, bem como as taxas de crescimento no período 1975 a 1985, resumidos no Quadro 06.

Como exemplo de competitividade a ser buscada, cita-se o caso da **Malaísia**, que emprega a mais avançada tecnologia na produção de cacau e, por isso, é o produtor mundial com menor custo unitário de produção. Se esforços maiores não forem feitos no **Brasil** nos próximos anos, nesse sentido, a receita do cacauicultor continuará a ser prejudicada. **Glen Trout**, em reunião realizada em **Costa Rica**[2], em 1987, cita que as fazendas mais bem administradas na **Malaísia** têm custo de produção em torno de US$ 0,40/libra-peso, o que representa US$ 12,00/@ ou US$ 800/t.

Segundo a publicação **Malaysian Digest**, de julho de 1988, aquele país

QUADRO 06 – CACAU – ÁREA CULTIVADA NOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES 1975, 1980 E 1985 – (em mil ha)

ANO	COSTA DO MARFIM		BRASIL		MALAÍSIA	
	Área	%	Área	%	Área	%
1975	785	–	392	–	24	271
1980	1.075	37	569	45	89	152
1985	1.434	33	670	18	225	

FONTE – Ceplac e Fao.

2 **Glen Trout. Cocoa Situation in the Caribbean. Inter American Cocoa Forum. Costa Rica**, janeiro de 1987.

pretende ocupar o segundo lugar na produção mundial de cacau, nos próximos cinco a seis anos. O segundo lugar é, hoje, do **Brasil**. O **Diretor do Instituto Malaísio de Pesquisas e Desenvolvimento Agrícola (Mardi), Dr. Mohamad Yosof Hashim**, declarou que, se todos os atuais programas para a cacauicultura forem levados a efeito, sem pressa, o país deverá produzir 400 mil/t, nesse período. Afirma que os esforços para expandir a produção incluem o uso de clones de qualidade, abertura de novas áreas e promoção de plantios em associação com coco, frutas e outros cultivos. A pesquisa está atualmente trabalhando num projeto usando tecnologia para cultivar três mil cacaueiros por hectare.

Novas áreas da **Malaísia** estão entrando em produção e, em 1987/88, foram produzidas 210 mil t, sendo 130 mil t provenientes de **Sabah**, 72 mil t da **Península Malaísia** e 18 mil t de **Sarawak**. A área plantada, por região, conforme o **USDA**, em 1988, está apresentada no Quadro 07.

Assim, a produção da **Malaísia** continuará a crescer, e a área prevista para 1989 pode assegurar safra de 400 mil t nos próximos anos. Em artigo publicado em 1986, logo após visita da **Missão Técnica** da **Ceplac** àquele país, dizia-se[3]: "Não fossem as credenciais que a **Malaísia** ostenta com dendê e borracha, além de se constituir numa grande potência agrícola tropical, provavelmente não se poderia levar a sério a meta de pretender entrar no **fechado** clube dos cinco grandes produtores de cacau, que não admitia outro sócio nos últimos quarenta anos. Vamos nos preparar, portanto, para ouvir falar que os maiores produtores de cacau são: **Brasil, Costa do Marfim, Malaísia, Gana** e **Nigéria**."

Hoje, a **Malaísia** já desafia o segundo lugar do **Brasil**, e com ele disputa a liderança, em termos de produtividade média. Liderança que foi exibida com orgulho na década de 70 e meados da de 80. Se a produtividade brasileira alcançou a média de 615 mil kg/ha para uma área plantada de 650 mil ha e produção de 400 mil t, a **Malaísia** produzindo 220 mil t, em 1987/88, numa área de 265 mil ha, conseguiu produtividade de 830 kg/ha.

Portanto, o caminho da cacauicultura brasileira é o de buscar competitividade e eficiência. Os custos de produção do **Brasil**, em comparação com outros países, são dos mais altos, em razão do custo de mão-de-obra.

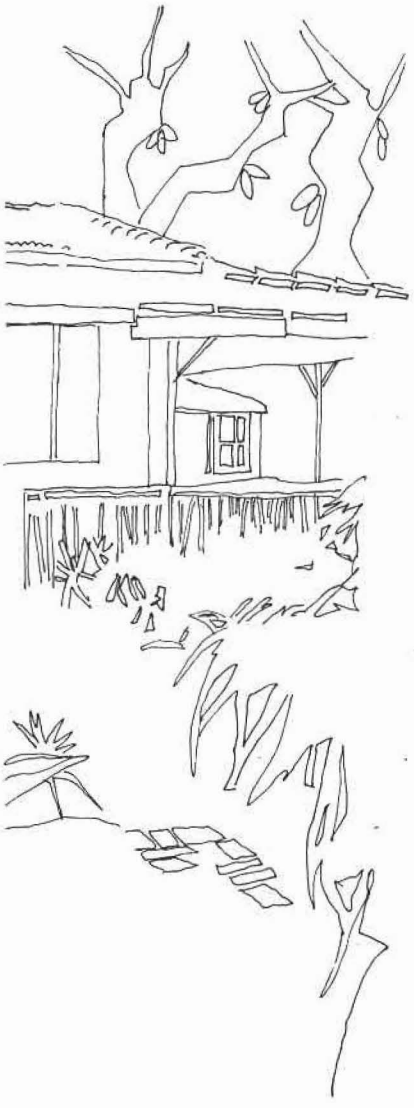
Na disputa com a **Costa do Marfim**, o **Brasil** figura com vantagens comparativas. Isto porque, apesar do rápido crescimento da produção verificado naquele país (no período de 1975 a 1985, a área plantada cresceu de 785 mil ha para 1,434 milhão de ha, conforme Quadro 06) a produtividade atual é inferior aos 400 kg/ha.

Além disto, apresentam-se incertezas quanto à economia cacaueira daquele país africano, decorrentes de eventual instabilidade política, derivada da sucessão do governo do **Sr. Félix Houphouët-Boigny**, à frente do país desde 1960 e as prioridades suntuárias dadas à construção de uma nova capital na sua aldeia natal, **Yamoussoukro**. Há também a política

QUADRO 00 – MALAÍSIA – ÁREA PLANTADA COM CACAU POR REGIÃO – 1985-1989 (em ha)

ANO	PENÍNSULA MALAÍSIA	SABAH	SARAWAK	TOTAL
1985	100.587	172.713	24.252	297.552
1986	105.908	184.477	31.949	322.334
1987[1]	110.000	194.000	37.000	341.000
1988[1]	113.000	200.000	41.000	354.000
1989[2]	117.000	207.000	46.000	370.000

FONTE – USDA, outubro de 1988.
1 Preliminar;
2 estimativa.



3 **Menezes, J. Alexandre de S. – Capitalismo no Campo. Jornal Agora** – Itabuna, Bahia, 1985.

QUADRO 08 – REGIÃO SUL DA BAHIA – MUNICÍPIOS, ÁREAS POLIGONAIS E CACAUEIRA E PRODUÇÃO, DISTRIBUÍDAS PELOS AGROSSISTEMAS – 1981

AGROSSISTEMA	MUNICÍPIO	ÁREA POLIGONAL (ha)	ÁREA CACAUEIRA (ha)	PRODUÇÃO (t)
ALMADA	Ilhéus, Itabuna, Uruçuca, Itajuípe, Coaraci, Lomanto Júnior, Almadina, Jucari, Itapé, Buerarema, Ibicaraí e Floresta Azul. (12)	524.100	188.986	114.134
IPIAÚ	Ipiaú, Gandu, Itamari, Jitaúna, Itagi, Aiquara, Ibirataia, Barra do Rocha, Ubatã, Ibirapitanga, Gongogi, Aurelino Leal, Ubaitaba, Itagiba e Jequié. (15)	451.480	134.364	85.665
CAMACÃ	Camacã, Santa Luzia, Arataca, Mascote e Pau Brasil. (5)	351.088	101.110	50.869
VALENÇA	Valença, Cairu, Nilo Peçanha, Maraú, Itacaré, Taperoá, Ituberá, Camamu e Una. (9)	638.900	58.984	24.660
CANAVIEIRAS	Belmonte e Canavieiras. (2)	405.700	38.687	16.697
ITAMARAJU	Itamaraju e Guaratinga. (2)	557.900	32.018	11.629
IBICUÍ	Dário Meira, Itapitanga, Iguaí, Ibicuí, Firmino Alves, Itororó, Santa Cruz da Vitória, Itaju da Colônia e Potiraguá. (9)	589.200	25.631	14.010
JIQUIRIÇÁ	Laje, Ubaíra, Jiquiriçá, Mutuípe, Teolândia e Wenceslau Guimarães. (6)	254.500	25.353	9.754
ITAGIMIRIM	Itagimirim, Itapebi e Santa Cruz Cabrália (34%). (3)	249.000	11.891	5.802
PORTO SEGURO	Porto Seguro, Prado (50%) e Santa Cruz Cabrália (66%). (3)	676.000	8.669	3.310
CARAVELAS	Caravelas, Alcobaça, Nova Viçosa e Mucuri. (4)	697.900	4.297	1.819
MEDEIROS NETO	Itanhém, Ibirapuã, Lajedão, Medeiros Neto, Teixeira de Freitas e Prado (50%). (6)	637.100	3.130	1.000

FONTE – Silva, L.F. da e Leite, J. de O. – Caracterização Preliminar dos Agrossistemas da Região Cacaueira da Bahia/Espírito Santo. Centro de Pesquisas do Cacau, Itabuna, Bahia, Brasil. 1980.

EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

de retenção de estoques que vem praticando nos últimos anos, que pode exercer importante papel de desestabilização do setor produtivo de cacau da **Costa do Marfim.**

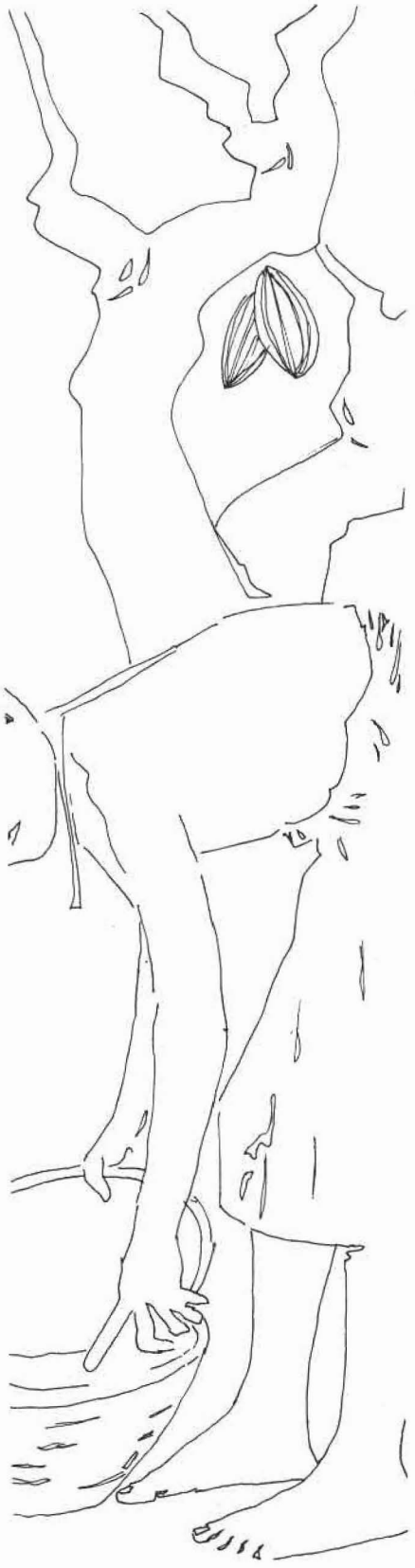
No **Brasil,** conforme referência anterior, é necessário dar prioridade à assistência técnica qualificada e a **pacotes tecnológicos** adequados às peculiaridades das regiões produtoras.

Na **Bahia, Silva** e **Leite,**[4] utilizando a conceituação de unidades fisiográficas, denominadas **agrossistemas,** regionalizaram a região **Sudeste,** que ficou subdividida em doze **agrossistemas.** Para esta conceituação, foi utilizada a definição de **Dasmann**[5]: "todo o complexo de componentes de uma região, de natureza orgânica, ou não, e modificações, tanto pela agricultura, como por outras atividades humanas".

Nos Quadros 08 e 09, são apresentados os doze **agrossistemas** do **Sudeste** da **Bahia,** com a distribuição dos municípios, a área poligonal (ha), área cacaueira (ha) e produção de cacau (t).

Deve-se destacar a importância dos **agrossistemas** do **Almada, Ipiaú** e **Camacã** que, com 32 dos 72 municípios agrupados na região do Sudeste Baiano, concentram apenas 22% do total de uma área poligonal de 6 milhões de ha, mas somam 424.460 ha de cacauais, ou seja, 67% do total e produzem 250.668 t de cacau, que representam 74% do total estimado para 1984, de uma produção de 339.349 t.

Concentrando a assistência técnica para os cacaueiros assentados nestes três agrossistemas – **Almada, Ipiaú** e **Camacã** – e, se promovendo a avaliação dos pacotes tecnológicos disponíveis para a produção de cacau, poder-se-á ". . . orientar novas pesquisas e considerando-se não só o meio físico (solo e clima), como as condições diferenciadas do agricultor", conforme, **Silva** e **Leite.**



Na **Amazônia,** deverá ser enfatizada a atenção para os pólos produtores de **Rondônia** e **Pará,** com expressivas áreas cacaueiras implantadas, beirando os 100 mil ha, que poderão contribuir com a oferta de um novo tipo de cacau, de maior rendimento industrial e aumentar a competitividade do produto brasileiro no mercado mundial.

No que diz respeito aos custos de produção nas fazendas, cabe atentar que a lucratividade da atividade cacaueira pode ser obtida, pelo menos, por três maneiras: a) vendendo, oportunamente, por preço mais alto; b) aumentando a produtividade, com o emprego de práticas agronômicas que irão custar menos do que o retorno esperado, pelo acréscimo da produtividade; e c) reduzindo os custos de produção, sem diminuir substancialmente a receita bruta esperada da produção.

Nos anos vindouros, não parece ser realista ou prático esperar aumento substancial nos preços, em termos reais. A estratégia mais lógica para a maioria dos cacauicultures será a adoção de esforços no sentido de aumentar a lucratividade, pelo incremento da produtividade, e/ou redução dos custos de produção. Para isto, é imprescindível melhorar sensivelmente o aspecto gerencial da unidade produtora de cacau.

Além disto, o **Brasil** deve adotar uma série de medidas para **preservar** sua cacauicultura, ou seja, fazer com que permaneça, acima de tudo, organizada. É preciso ter cuidado, porque em períodos longos de baixos preços é que alguns países perdem o **rumo** da sua cacauicultura, desfazem e desmantelam sua estrutura

4 **Silva, L.F. da e Leite, J. de O. – Caracterização Preliminar dos Agrossistemas da Região Cacaueira da Bahia/Espírito Santo. Centro de Pesquisas do Cacau.** Itabuna, Bahia, 1988.

5 **Dasmann, R.F. et al. Ecological, Principles for Economic Development.** Londres, Wiley, 1973.

QUADRO 09– REGIÃO SUL DA BAHIA – POTENCIALIDADE AGRÍCOLA DOS AGROSSISTEMAS

AGROSSISTEMA	SOLOS	USO ATUAL	POTENCIALIDADE AGRÍCOLA
ALMADA	Alfisols, Ultisols (meso e distróficos), Inceptisols, Oxisols (Cr e Tb).	Cacau, pasto, coco e piaçava.	Cacau, pasto (intensivo), dendê, coco, piaçava, raízes/tubérculos, fruticultura e macadamia.
IPIAÚ	Alfisols (ustic), Ultisols (meso e distróficos), Mollisols, Oxisols (Cr).	Cacau e pasto.	Cacau, pasto, seringueira e cultivos anuais.
CAMACÃ	Alfisols, Ultisols (meso e distróficos), Oxisols (Cr e Tb).	Cacau e pasto.	Cacau, pasto, raízes/tubérculos, seringueira e reflorestamento.
VALENÇA	Oxisols (Cr e Tb), Ultisols distróficos, Podzols, Psamments.	Cacau, coco, dendê, seringueira e especiarias.	Dendê, cacau, raízes/tubérculos e especiarias.
CANAVIEIRAS	Aluviões, Oxisols (Tb),Podzols, Psamments, Hidromórficos.	Cacau, pasto, coco e cana.	Cacau, cana, coco, raízes/tubérculos e fruticultura.
ITAMARAJU	Alfisols (ustic), Oxisols (ustic), Ultisols (meso e distróficos).	Cacau, pasto e café.	Pasto, cacau, cultivos anuais, reflorestamento e café.
IBICUÍ	Mollisols, Alfisols (ustic), Oxisols (ustic).	Pasto, cacau e cultivos anuais.	Pasto, cacau, cultivos anuais e raízes/tubérculos.
JIQUIRIÇÁ	Oxisols (ustic), Ultisols (meso e distróficos).	Pasto, cacau e cultivos anuais.	Pasto, cacau, cultivos anuais e reflorestamento.
ITAGIMIRIM	Oxisols (ustic), Ultisols (meso e distróficos), Mollisols.	Pasto, cacau e cultivos anuais.	Pasto, cacau, seringueira, cultivos anuais e fruticultura.
PORTO SEGURO	Oxisols (Tb), Aluviões, Podzols, Hidromórficos.	Cacau, pasto e café.	Dendê, cana, pasto, cacau, seringueira, fruticultura, raízes/tubérculos e café.
CARAVELAS	Oxisols (Tb), Aluviões, Ultisols (distróficos), Podzols, Psamments, Hidromórficos.	Pasto, cacau e fruticultura.	Pasto, cacau, fruticultura, cultivos anuais e café.
MEDEIROS NETO	Alfisols (ustic), Oxisols (ustic).	Pasto e cacau.	Pasto, cultivos anuais, cacau, reflorestamento, seringueira e fruticultura.

FONTE – Silva, L.F. da e Leite, J. de O. – Caracterização Preliminar dos Agrossistemas da Região Cacaueira da Bahia/Espírito Santo. Centro de Pesquisas do Cacau, Itabuna, Bahia, Brasil. 1988. 12p.

produtiva, construída com sacrifícios ao longo de várias décadas. Organizar a cacauicultura baiana, após a crise de 1957/65, durante a qual foi criada a **Ceplac**[6], exigiu muitos anos e um trabalho gigantesco. Destruí-la leva bem menos tempo.

Alguns setores da cacauicultura exigem a eliminação dos 10% do **Imposto de Exportação**, fonte de recursos da **Ceplac**, que, dirigidos aos serviços de pesquisa, ensino e extensão têm efeito multiplicador. É inadmissível defender a extinção do **Imposto** ou **taxa de confisco cambial**, incidente sobre as exportações. O cacauicultor, sem dúvida o maior interessado, defende a preservação da **Ceplac**, via manutenção do **Imposto**, porque vê de forma muito clara seu papel político. Apesar de representarem um ônus, os 10% do imposto constituem-se uma salvaguarda, segurança para as incertezas do futuro.

Na situação em que se encontra, a cacauicultura brasileira enfrenta três inimigos: baixos preços internacionais, custos de produção elevados e forte endividamento (provocado pelas secas). Recomendam-se medidas estratégicas que visem a preservar sua potencialidade produtiva, como a capacidade produtiva dos cacaueiros, a preservação do emprego do trabalhador e a manutenção da **Ceplac**.

A fim de buscar eficiência, há que se explorar o potencial dos cacaueiros, através de práticas agronômicas e uso de insumos modernos. A tecnologia tradicional terá que ser descartada, como opção de sobrevivência, se a opção de baixar os custos unitários for prioritária. Alta produtividade é um pré-requisito para obtenção de boa posição mundial. A implementação dessa estratégia toma a forma de adequação de pacotes tecnológicos e gerenciais apropriados aos diversos **agrossistemas** da região cacaueira, bem como aos sistemas culturais adotados (sistemas alternativos de uso de defensivos químicos, níveis de fertilizantes), novos sistemas de produção utilizando menores quantidades de recursos e sem o comprometimento das altas produtividades[7].



A pesquisa de natureza sócio-econômica terá um papel importante na geração de informações, que levem à racionalização da utilização de mão-de-obra na fazenda de cacau. Responsável por cerca de 70% do custo de produção de uma arroba, a mão-de-obra mereceu, até há pouco, escassas pesquisas. É preciso iniciar e ampliar estudos sobre o emprego da força de trabalho, estudos de tempo e movimento, especialização etc.

Isto é preciso para melhorar o **fator gerencial** das fazendas. Outra oportunidade que não deve ser negligenciada, principalmente para os pequenos produtores, é o inter-cultivo ou cultivos associados. A **Ceplac** e regiões da **Bahia** e da **Amazônia** reúnem suficiente conhecimento para a defesa e utilização da associação seringueira/cacaueiro e pimenta-do-reino/cacaueiro, não esquecendo as combinações com essências florestais.

A mão-de-obra deve ser privilegiada, com a melhoria de sua dieta alimentar, adotando-se, talvez, a produção de alimentos na própria fazenda, de forma associada fazendeiro/trabalhador rural, com a criação de animais de pequeno porte (suínos, coelhos) e o **peixamento** de represas, para o fornecimento da indispensável proteína de origem animal.

Enfim, o tempo fala das possibilidades deixadas pelos conflitos, intransigências e limitações que nos são impostos e as opções disponíveis, a longo prazo (o que é preciso fazer), médio prazo (o que se pode fazer) e curto prazo (o que se deve fazer). Em outras palavras, a experiência e o tempo ensinam que há três maneiras de se encarar o futuro:

1) enfrentar a cada dia o que aparece,
2) preparar-se para o que se pensa ser o futuro,
3) criar o futuro em que se quer viver.

José Alexandre de S. Menezes e Frederico Monteiro Álvares Afonso**, economistas da **Coordenadoria de Estudos Econômicos e Estatísticos da Ceplac.

6 A crise, na realidade, prolongou-se de 1957 a 1965, com a complementação de preços.

7 Ver, a propósito, **Cepec. Alternativas para Reduzir o Custo de Produção de Cacau. Ceplac**, julho de 1980.